

AMOR EM TEMPO DE VÍRUS

(Um repensar na ilusão da felicidade imposta e da dor deposta)

ÍNDICE

1. PREFÁCIO
2. SUMÁRIO
3. O NASCIMENTO DO UTILITARISMO
4. A FELICIDADE E O GOZO NA ERA PÓS INDUSTRIAL
 - 4.1. DESCARTE
 - 4.2. CONSUMO
5. A ELIMINAÇÃO DA DOR
6. A NECESSIDADE DO PRAZER
7. O MEDO E SUA RELAÇÃO FILOSÓFICA
8. A RELAÇÃO DAS PESSOAS
9. A HUMANIDADE NAS RELAÇÕES

Quando o seu desejo passa a fazer parte da vida do outro, ele se sente desejado.

E quando a gente se sente desejado já não importa qual o objeto “desejante”. O narcisismo acaba e o objeto não precisa ser belo mais, não precisa ser a estética do consumo, MAS é íntegro.

Daí se tem a sublimação do amor. Amar a diferença é tornar o outro próximo das minhas coisas, dos meus desejos, dos nossos desejos e dos desejos do outro.

Pois o que a gente busca é ser desejado pelo outro (Lacan).

PREFÁCIO

Como mentor de Startup, apresentei palestra em 23/03/2020, sobre cenários de em época de Coronavírus. Em abordagem de aspectos econômicos e sociais que iriam impactar tal empresa (com proposição de atuar no mercado de energia, de forma sustentável) traçava cenários que impunham dificuldades.

De repente um deles, interrompeu a apresentação e falou:

-Brandão, eu preciso aprender a sofrer, eu preciso aprender a passar por decepções.

Lógico que a conversa se desviou para a vida nossa de cada dia. Me vi diante de um Pedro (nome fictício) amargurado. Vendo, que ele não estava preparado para decepções e que queria a todo custo evitar a dor. Em duas horas de conversa entramos em nossos temas pertinentes que passam sobre as relações com comunidade, expectativa de amor e de realização. Percebi logo o medo que saía de dentro do nosso amigo Pedro. Era a sua negação em amar por medo da dor de decepcionar ou sofrer. Mas, meu caro Pedro, a dor é para ser vivida e enfrentada e não escondida.

Me deparei com uma pessoa que sofria do passado, criava expectativa do futuro e tinha medo do presente. Lembro, agora, de uma frase de André Comte-Sponville¹: “Lamentar um pouco menos, esperar um pouco menos e amar um pouco mais.”

Estes “Pedros” fazem parte de um mundo que se propõe a ter a dor evitada, a decepção desconsiderada e a proposta de diversão ofertada no primeiro copo de cerveja no intervalo da aula da faculdade. Minha geração tem muitos “Pedros”, também. Todos frutos de uma sociedade que, em meados do séc. XX propôs um rumo diferente, e que estará condenando todas as demais gerações pela simples falta de cuidado com si mesmo e com o próximo, como se pretende demonstrar.

Assim retomei aos meus livros e conhecidos do passado para apresentar um projeto de mudança para estes “Pedros”, já que estamos em um mundo que se nega a amar. “Pedro, prefere namorar quem não ama, e desenvolver amor platônico por quem ama. É como o poeta que conserva sua amada longe de si, mas cantando amores a distância. Verdade que namora outras, mas suas conversas no aplicativo são com, afinal sua “grande amiga”. Pedro, em seu platonismo vão, não corre o risco de sofrer”². Pedro não está preparado para viver pois não quer ter o risco da dor. Se nega a amar e sabe que está tudo errado com ele.

A falta do amor, gera a apatia, a indiferença, a falta de cuidado consigo, para com o outro e para as futuras gerações. A falta de amor faz de cada um objeto de prazer e não

¹ Menção encontrada no livro: Luc Ferry - Vencer os Medos - Editora Martins Fontes, 2008.

² Em meu call, com 8 profissionais entre 30 e 37 anos, paro minha apresentação e me sirvo desta paródia, imaginando Tomás Antônio Gonzaga e Marília de Dirceu, nas ladeiras de Ouro Preto. Foi a partir deste ponto, provocado por mim, que desenvolvemos intenso debate. A conclusão de jovens e talentosos profissionais é que todos temos que mudar. Acreditar no amor próximo a cada um, viver intensamente este amor, ter o prazer de cuidar e ser cuidado e ter o prazer de cuidar das próximas gerações. Desejar e ser desejado(a). Esta é a conclusão do verdadeiro ato de amar.

objeto de amor. Traz a frustração e uma procura que não acaba por algo que não se acredita, mas se quer. Não sou eu quem falo, mas dezenas de obras nos campos das ciências sociais, filosofia, psicologia, medicina e de estudiosos do comportamento.

Dias depois voltamos para várias dinâmicas. Foram dias de leituras de meus livros cuidadosamente anotados, em noites de trabalho cuidadoso. Agora estamos chegando em um “paper” de referência, para ser usado durante este período em que pessoas e sociedades começam a redescobrir o sentido do amor e da convivência com a dor.

Este “paper” foi escrito pensando naqueles que têm medo da dor, medo de sofrer pela perda ou decepção. Cada parágrafo traz o meu pensamento para aqueles que se submergiram a uma sociedade que esmagou o sentimento, padronizou a felicidade pelo gozo ocasional e ridicularizou o sentimento e a dor. Me dirijo para aqueles que têm medo de amar e ser amado, que evitam o amor, por ter medo da dor da perda. Ao meu amigo Pedro de 32 anos, como aos meus amigos “Pedros” de mais de 60 anos, dedico um pouco do meu estudo e tempo tentando entender o que sofreremos em uma Sociedade Anestesiada.

Me recorro, portanto, a um dos nomes que me ajudaram, há quase 20 anos, a entender a angústia dos tempos de hoje, professor psicoterapeuta Ivan Capelatto, inúmeras vezes convidado por mim para palestras no meu tempo de AES, enchendo hotéis e auditórios a meu convite.

Agradeço o tempo das conversas inteligentes com querida psicóloga amiga que, entre vinhos e leituras, interagiu no tema. Com especial atenção, dedico minhas reflexões à minha filha Carla, pela sua sensibilidade e capacidade de interagir comigo em tais questões.

As anotações imperfeitas que aqui apresento, são uma homenagem ao já mencionado professor Ivan Capelatto (que recomendo o vídeo na Internet “Amor na Era da Sobrecarga”) e ao filósofo francês Luc Ferry, cujos livros fazem parte da minha cabeceira.

A esperança existe para aqueles “Pedros”, que gritam agora. Quantos não reagem! São sentimentalmente mórficos ao longo de dezenas de anos, frutos de problemas de criação, decepções ou que se tornaram simples vassallos de uma Sociedade Anestesiada da Era da Sobrecarga, onde se submetem e se encantam o convívio com o tirano da indiferença, no mais completo conceito da Síndrome de Estocolmo?³

Talvez Pedro poderá usar, como eu, o conceito “Amor íntegro”. A expressão pode parecer meio pernóstica, mas foi a forma que encontrei para sinalizar a minha mudança. Espero, que no final das lâminas de Power Point, Pedro possa entender e usar tal expressão. Eu usei, recentemente, com uma pessoa, e ela, ainda, procura entender tal significado, infelizmente. Falhei com ela, mas talvez, como mentor, eu tenha sucesso mais sucesso.

³ Ivan Capelatto usa a Síndrome de Estocolmo para mostrar a subserviência das pessoas entre si e com a cultura dominante de uma doença que não conseguem desapegar por si.

Tudo que escrevo é uma compilação de pensamentos, livros, palestras e anotações que ao longo de duas décadas tenho procurado estudar, entender e sentir. Como podem ver a minha procura vem de longe. Procuo citar, o máximo possível, autores de reconhecida autoridade. Mas em cada linha, em cada pensamento, tem um amor, um sentimento por alguém e pela humanidade.

Ao entender que eu estava submetido a uma sociedade que oprimia o “Amor íntegro” me deparei com a conclusão, básica, que falar de amor, declamar o amor, viver e sofrer por amor, dela ou do próximo, é que se torna a visão encantada da vida. É o elemento de salvação das nossas vidas. É trazer a vida na razão do pensamento metafísico, onde existe o compromisso com a pessoa desejada e amada, que me deseja também e, assim eleva a auto estima, sem o massacre da entediante procura pelo que não termina. Por isso faço as minhas poesias. Por outro lado, viver nas condições presentes é desumanizar o Humano, é deixar de viver, em que pese se tenha medo de morrer.

Certamente muitas pessoas irão considerar o “paper” careta. Ainda bem que Pedro não! Mas são todas estas pessoas, que nos vazios entre os inquietantes intervalos de gozos curtos (até questionando se deve permanecer ou voltar para suas casas em sua deprimida solidão, que é confortável...) que fazem a procura do sentimento procurado, e nunca achado, consumindo livros e filmes de romances, que batem recordes no streamings de vídeos.

Enfim, escrevo em homenagem aos que pensam profundamente no sentido da vida, aos que voltaram a pensar e aqueles que assumem o direito e a beleza do AMAR e de declara, sem a vergonha imposta, o sentimento e não fogem de eventual dor ou frustração.

Os conceitos aqui colocados, todos basicamente, de pesquisa como já dito, foi referendado pelos caros amigos da Startup, nas diversas rodadas de espetacular trabalho em equipe. Eles se viram em profundo processo de pensar o mundo de outra forma. Talvez a Startup ande agora em conceito diferente, vamos ver. Mas, certamente, seus membros vão se postar de forma diferente.

Concordar com este autor já não seria fácil. Mas sou eu, autor, que concordo com o que me foi dado a aprender com alguns, presencialmente, e com outros pela vasta literatura que dispus a comprar e ler em tempos passados. Nos tempos modernos esquecemos o pensar por si só, ridicularizamos a introspecção em tema que atenta contra o consumo e que, só de pensar, nos traz... A DOR.

Carlos Augusto Leite Brandão.

SUMÁRIO

“No nosso novo mundo desenvolveu-se um medo em especial. O medo da perda. O medo, uma vez que a perda causa dor. E nesse novo mundo prega-se que não se deve ter dor. Por questões psicológicas de criação, e pelo mundo moderno de consumo, queremos evitar a dor. Para evitar a dor, evitamos amar. A negação do amor é perder a autoestima, é criar a indiferença para nós, para o quem seria amado, para os outros e gerações futuras. Pois a forma madura do amor é a vontade de cuidar e ser cuidado”.

Na visão de Luc Ferry⁴, são quatro tipos de medos, mas o que nos importa, agora é o medo da perda, da perda de tempo, da perda pela morte, da perda do que é amado. A perda causa DOR. O MEDO é fruto da desesperada necessidade de uma sociedade anestesiada⁵, de evitar a DOR, em que pese ser a dor parte da nossa existência, do nosso viver.

No mundo Pós Industrial, ou na Era da Sobrecarga⁶, termo cunhado por Ivan Capelatto, este medo nasce com a negação do afeto pelo “medo da dor de perder o que eu amo”. Com isso evita-se a dor, que já não pode ser mais suportada nos tempos modernos.

E se perde o amor e nasce a indiferença das relações, o que, nessa visão, é menos cruel pois não traz a dor. E da indiferença pelo não amar vem a angústia, na voracidade de querer achar algo que não é achado.

Mas afinal, o que seria o amor saudável? O amor, que deveria ser o atingido na fase madura, que se faz em “vontade de cuidar e ser cuidado”, de onde se origina o prazer. Onde deveria ser conservado o medo da perda. Naquilo que Ivan Capelatto coloca como a saudável e íntegra afetividade neurótica⁷, da conservação do medo da perda e da sua dor consequente. Seria o estado normal que o ser humano tem quando tem vida boa. Mas isso tudo se esvai com o surgimento da ideia da eliminação da dor.

A indiferença é, em suma, o ato de negar o amor, pelo medo de poder perder. É o encanto da morbidade e da auto piedade (“...eu tenho medo que vou perder e não acredito poder ser uma pessoa amada...”). A indiferença, segundo G. Lipovetsky, é o ato psicopático de não investir, evitando a dor da perda (“...se eu não gosto, a perda não se transforma em dor...”).⁸

Este é um tema recorrente na literatura atual. Para termos amor próprio é preciso ser amado. *A recusa do amor é a negação do status de objeto digno do amor e alimenta a*

⁴ Luc Ferry, Vencer os Medos, Editora Martins Fontes, 2008.

⁵ Palestra: Saúde Mental, Qualidade de Vida e Autoestima, professor Ivan Capelatto, proferida na AES 2007. O termo Sociedade Anestesiada aparece como constatação de uma sociedade atual.

⁶ Termo no Título do Vídeo de Ivan Capelatto, na internet, O Amor em Era da Sobrecarga, Fundação Anchieta. O termo traduz uma sociedade com excesso de cobranças, decepções, frustrações e falta de garantias para a vida.

⁷ Ivan Capelatto analisa a afetividade sob as 3 grandes bases da psiquiatria: neurose/psicose/psicopatia.

⁸ Gilles Lipovetsky: A Era do Vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Editora Manole. 2005.

auto aversão. Outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar nós mesmos, conforme descrito por Bauman⁹.

Inaugura-se, portanto, com a indiferença, a amargura afetiva, a falta de limites e onde não há lei. Nesta era violenta da descrença, vive-se o amor psicopático, onde o narcisismo é a sua base. A sobrecarga faz com que se perca o EGO e faz nascer a identidade narcísica: “Eu não admito o amor para não sofrer, me atenho a relações rasas, onde a dor da decepção ou perda é facilmente superada. Vivo o gozo que me é vendido. Troco o amor pelo prazer imediato e rápido. No dia seguinte, eu acordo e vou trabalhar.” (palavras do Pedro, o fictício).

Daí advém, pelo fim do desejo, a necessidade do gozo rápido, onde se impõe uma questão não filosófica, mas de sobrevivência para este mundo: “eu preciso de gozar a todo momento”. Já que o gozo afetivo, que dura todo o dia, foi posto de lado (indiferença, medo da perda do ser amado) passa-se ao gozo de festas, bebidas, drogas e diversões mil e o gozo da sexualidade construída sob qualquer ordem, onde o amor não participa.¹⁰

Paralelo ao aspecto psicológico, descrito em diversos livros, traçamos o caminho da nova visão da filosofia utilitarista que tomou conta do mundo ocidental, em meados do século XX. Duas guerras mundiais, bomba atômica, guerra fria, Vietnã, revoluções e outras coisas, trouxeram um mundo de incertezas. Este mundo atormentado trouxe uma nova versão da filosofia utilitarista do séc. XIX, onde o “bem é o prazer e o mal é a dor”¹¹.

O utilitarismo, no âmbito psicológico, foi criado por Jeremy Bentham e, também, desenvolvido por J.S. Mill onde, resumidamente, pode ser visto como: o melhor estado que podemos ter é que o “saldo do prazer sobre a dor seja o maior possível”¹². O utilitarismo se encaixou perfeitamente para a criação de um novo pensar nas últimas décadas do séc. XX, criando uma nova forma de comportamento social e uma nova economia. A regra passou a se ter o gozo e evitar a dor, condições ideais para o surgimento do processo de consumo e descarte, em qualquer uma das dimensões. Assim os homens “tentam” conseguir a maior felicidade possível, matematicamente dado pela equação: FELICIDADE = PRAZER – DOR.

Este conceito impôs o MEDO de se ter DOR, eliminando do ser humano a sua capacidade em entender ser parte da vida ter dores. E para não se ter dor, evita-se perdas, decepções, dificuldades e tudo mais que é parte do viver. Vende-se a maximização do prazer, com a total perda de qualidade¹³. Devemos lembrar que numa sociedade

⁹ Zygmunt Bauman: Amor Líquido, sobre a fragilidade de laços humanos. Editora Zahar. 2009.

¹⁰ Ivan Capelatto, em suas matérias, reforça o ponto de que Desejo deve estar ligado ao prazer. E que o prazer é a do desejo de ser desejado e do desejo de cuidar. Esta perda leva a um processo de falta de auto estima.

¹¹ Bertrand Russel, História do Pensamento Ocidental, Editora Ediouro. 2004.

¹² Jeremy Bentham “Uma introdução aos princípios da moral e legislação”. Editora Abril Cultural, 1984.

¹³ Bertrand Russel, ao discutir o utilitarismo na visão de Jonh Stuart Mill, coloca: “Mas não tem muito sucesso quando procura explicar o que significa prazeres qualitativamente melhores em contraste com

atormentada por guerras e revoluções, todo o objetivo e propaganda era para se evitar a dor e ter o prazer imediato, como se o amanhã não existisse.

Nesta hora “Rompe-se definitivamente o “romântico” estabelecido e extinguem-se os mitos que sustentavam parte da crença na vida. A morte, antes ligada a conceitos, mitos e preceitos, passa a fazer parte de um cotidiano, sem vínculo com o cultural, tornando-se banal apêndice social. A crença no Bom, no Bem, no Justo, no Ético começa a desaparecer, dando lugar a um pensamento “politicamente correto” onde a dor deixa de ter o seu lugar como sentimento possível e necessário”, conforme discorre Ivan Capelatto¹⁴.

Produz-se, assim, dentro de uma sociedade de consumo que se formava, a revitalização da filosofia utilitarista da maximização do prazer (vendido agora como gozo, no consumo material e em relações fortuitas) e da renegação da dor (“vale a pena sofrer por alguém, alguma causa, por algo amanhã, pela educação do filho?”).

Cuidou-se de se vestir este processo de forma padronizada, para uma geração que não passou pelos itens do amadurecimento do amor, criando uma sociedade narcísica e de relação afetiva psicopática¹⁵. O prazer passa a ser fonte de consumo nos happy hours, nas vontades escondidas e na voracidade de se ter mais o que a intensidade curta dá de menos.

Poderíamos avançar muito no tema, agora. A sociedade anestesiada se encarrega de fazer pressão sobre ELE/ELA, de forma a manter a manifestação sobre toda a descrença. Retira-se o sentimento de pertinência, onde a opção individual é relegada¹⁶.

A procura pela “vida divertida”, que se livre da “dor”, passa a ser voraz, atenta para a porta de entrada de “mais um que eu possa pegar”. Assume-se uma afetividade psicótica, onde não se cria laços, o processo de cuidar e ser cuidado não existe e a ânsia de uma nova diversão se sucede ao gozo rápido da diversão anterior. A afetividade só existe enquanto se está junto de alguém sendo substituído pelo da fila próximo, na ausência da pessoa de seu lado. O amadurecimento afetivo não ocorre e o narcisismo é alto. Daí nasce a descrença, a perda da autoestima por não ser desejado e tudo se confunde no objeto de ser o objeto de desejo.

Em plena era do Gozo, o Gozar a qualquer custo se tornou uma necessidade imediata, que causa a frustração e desencadeia um processo de procura sem término onde a autoestima é destruída.

meras diferenças de quantidade. Isso não surpreende, uma vez que o princípio da maior felicidade, e o cálculo dos prazeres que o acompanham, eliminam implicitamente a qualidade em favor da quantidade.

¹⁴ Ivan Capelatto, Palestra “Saúde Mental”, na AES, São Paulo.

¹⁵ Ivan Capelatto em suas palestras observa que a sobrecarga que o social traz faz com que não acreditemos que este amor exista de verdade. Nos tornamos assim objetos de desejo e não de amor.

¹⁶ Lacan em seus trabalhos sobre desejos mostra que o sentimento de pertinência é que no leva a fazer escolhas. Daí vem, segundo Lacan, a sublimação do desejo que é a busca de ser desejado. Não havendo o sentimento de pertinência, o indivíduo não faz opção “própria” e se rende ao coletivo massacrante.

A diversão ofertada pelo processo se torna a lei obrigatória, a eliminação da dor do dia a dia é a desculpa vendida, o objeto é o desejo e não o amor. Satisfação garantida? Não, com a insatisfação do produto entregue livra-se deste e já se procura outro. Consome-se e descarta-se na próxima semana. Mantendo a distância não se incomoda, mas sente-se falta do que seria o amor.

A Era de Sobrecarga coloca, agora, uma questão mais aguda. A procura do prazer a qualquer custo se sobrepõe a Ética e é o encurtamento da vida consigo mesmo. Passou a ser um produto de uma sociedade que consome e descarta e depois se deprime. Nos dizeres de Bauman: “Quando a qualidade o decepciona, você procura a salvação na quantidade. Quando a duração não está disponível, é a rapidez da mudança que pode redimi-lo”¹⁷.

Ainda, segundo C. Lash: os indivíduos passam a aspirar um desapego emocional cada vez maior por causa dos atuais riscos de instabilidade das relações pessoais. Ter relacionamento sem apego profundo, não se sentir vulnerável, desenvolver a independência afetiva, viver só seria o perfil de Narciso. O medo de se decepcionar e o medo das paixões descontroladas traduzem o nível do subjetivo, o que C. Lash chama de “the flight from feeling” - a fuga diante do sentimento, processo que tanto se revela na proteção íntima como em todas as ideologias “ditas progressivas” para climatizar o sexo, de expurgá-lo de toda a tensão emocional e de, assim, alcançar um estado de indiferença, desapego, não apenas para se proteger de decepções amorosas, como também para proteger dos próprios impulsos que sempre arriscam ameaçar o equilíbrio interior.¹⁸

Nas palavras de Charles Melman: “Também teremos notado o tratamento business-like das relações amorosas... A lei da oferta e da procura, a relação qualidade/preço do parceiro e a sua devolução em caso de não satisfação parecem não contrariar gentis damas e trovadores...O gênio da indústria foi fabricar instrumentos encarregados de aliviar a pena do trabalho; hoje, é o de produzir aqueles capazes de assegurar um gozo acabado, a partir do momento que eles abolem nossos limites”.¹⁹

O fim da vontade coincide com a era da indiferença pura, com o desaparecimento das grandes finalidades e grandes empreendimentos pelos quais a vida merece ser sacrificada: *“tudo já, agora, e não mais per áspera as astra”*.²⁰

A indiferença liga a frustração nas relações, a falta de desejo de ser cuidado e de cuidar, e se tem a perda do amor onde o Gozo (aqui com G maiúsculo) é permanente, mas a indiferença não o faz achar. Pela indiferença nas relações no amor se depreende a indiferença no cuidado das próximas gerações. Não há como querer que tal sociedade do gozo imediato, a qualquer custo, procurando ser indiferente ou imune à dor, não terá medo de perder tempo ou parte deste gozo cuidando da sociedade, da terra, e de um

¹⁷ Zygmunt Bauman: Amor Líquido, sobre a fragilidade de laços humanos. Editora Zahar. 2009

¹⁸ Gilles Lipovetsky em obra já citada, cap. 3, subitem -O Vazio. Faço questão de citar.

¹⁹ Charles Melman: O Homem sem Gravidade, Gozar a Qualquer Preço. Editora Companhia de Freud.

²⁰ Gilles Lipovetsky em obra já citada.

mundo de outras gerações. O pensamento metafísico não cabe nesta Sociedade Anestesiada.

Seria esse o mundo anestesiado, indo do pessoal ao social. Nas palavras de G. Lipovetsky: “O momento moderno é muito mais que uma moda: revela um processo de indiferença pura... Na sua grande maioria, as questões públicas, inclusive a ecologia, tornam-se ambiência, agem por algum tempo e em seguida desaparecem tão rapidamente quanto apareceram...O retorno do sagrado em si é atropelado pela celeridade e pela precariedade das existências individuais abandonadas a si mesmas²¹.

Paradoxalmente nosso Pedro e suas namoradas se rendem a um mundo de indiferenças, mas aspiram algo que não sabem o que é, e se debatem nos filmes românticos que lideram as estatísticas de nossos provedores. Ainda segundo G. Lipovetsky: “Os sintomas neuróticos, que correspondiam ao capitalismo autoritário e puritano, deram lugar, sob a pressão da sociedade permissiva, às desordens narcísicas, sem forma e intermitentes...Impossibilidade de sentir, vazio emotivo, a dessubstancialização a esta altura está se completando, revelando a verdade do processo narcísico como a estratégia do vazio.

E nosso Pedro grita: “Se pelo menos eu pudesse sentir alguma coisa!²² Também nesse ponto livros, filosofia, psicólogos e demais concordam: hoje são as perturbações de tipo narcísico (ou narcísico) que constituem a maior parte das perturbações psíquicas tratadas por terapeutas em lugar das neuroses clássicas. E nosso Pedro sofre sem ter sintomas nítidos e bem definidos, que se manifestam por meio de um mal estar difuso e invasor, de um sentimento vazio de interior e de absurdo da vida, uma incapacidade de sentir as coisas e pessoas.

Mas é aí que o drama se torna mais profundo:

“Homens e mulheres continuam aspirando (talvez nunca tenha havido tanta demanda afetiva como nestes tempos de deserção generalizada) à intensidade emocional dos relacionamentos privilegiados, e quanto mais a esperança é forte, mais o milagre de união se torna raro. Quanto mais as cidades desenvolvem as possibilidades de encontros, mais os indivíduos se sentem sós; quando mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo o lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo, daí uma fuga para “experiências”, que apenas traduz a busca de uma “experiência” emocional forte. Por que eu não posso amar e vibrar? Desolação de Narciso, muito bem programado em sua absorção em si mesmo para poder ser afetado pelo OUTRO, para sair de si mesmo e, no entanto, insuficientemente programado, uma vez que ainda deseja um relacionamento afetivo.”²³ (Grifo nosso).

²¹ Gilles Lipovetsky, em obra já citada, cap. 2, A Indiferença Pura. Mostra um processo de aniquilação individual e social como a forma de substituição da reflexão metafísica sobre o nada.

²² Gilles Lipovetsky, em obra já citada, cap.3, Narciso ou a Estratégia do Vazio.

²³ Gilles Lipovetsky em obra já citada, Cap.3, Narciso ou a Estratégia do Vazio. Grifo nosso.

Nosso Pedro lamenta, agora o seu desapego emocional do passado, numa visão corajosa, talvez forjado pelos tempos de vírus. Ele agora quer sentir, mostrar e viver paixões, dores e aflições. Pois nestes tempos “o sentimento sofreu o mesmo destino que a morte, tornou-se incomodo exibir as próprias emoções, declarar ardentemente uma paixão, chorar, manifestar com demasiada ênfase os impulsos interiores”²⁴.

Em tempos de vírus, parece que todos repensam se vale a pena evitar a dor, que já está presente. Não evitando a dor, volta o desejo de ser amado, e mais acreditar em poder ser amado e amar. O descarte já é rejeitado pois existe a procura mais objetiva por algo que perdure. A vontade, dada, pelo amor de cuidar e ser cuidado retorna.

Nosso Pedro já não quer o gozo, mas quer ser cuidado e cuidar de alguém. Quer entender a dor e pensar em planos futuros. Quer ter alguém que possa amar, ou seja cuidar e ser cuidado. Quer a felicidade do dia a dia, com o medo da perda, aceitando a dor. Ainda em suas palavras: “Ao amar, a procura parou. Já nos bastamos. E pensamos em como administra o futuro”.

Quanto a dor? Pela dor vale a pena viver. Relembrando Ivan Capelatto: “o estado normal que todo ser humano pode chegar, quando ele tem vida boa é viver o estado de neurose, onde o medo da perda é conservado e se gera manias para conviver com o medo da perda. É a forma mais integrada que a humanidade pode ter.”

RESUMO DA ÓPERA²⁵:

SER DESEJADO E SER CUIDADO

- Sentir-se desejado produz AUTOESTIMA.
- Sentir-se cuidado produz AUTOCRÍTICA.
- Ter autoestima e autocrítica produz AUTONOMIA.
- Ter autonomia significa saber os próprios LIMITES.
- Saber dos próprios limites significa poder se CUIDAR.

SOCIEDADE ANESTESIADA

- Uma sociedade sem mitos: não há AFETIVIDADE.
- A ausência do fornecer e cumprir os limites (a ordem e o interdito)
- A ausência do “herói”
- Consumo como tentativa de preenchimento da ANGÚSTIA. Consumir compulsivamente passa a ser igual a ter prazer.
- A SEXUALIDADE que exclui a AFETIVIDADE: o medo da relação afetiva (o monstro da perda).
- O MEDO da diferença e a agressividade.
- A IDENTIFICAÇÃO com o pensamento e ato psicopático (síndrome de Estocolmo).

Belo Horizonte, 03 de agosto de 2020.

²⁴ Gilles Lipovetsky, em obra já citada, cap.3, Narciso ou a Estratégia do Vazio.

²⁵ Palestras na AES de Ivan Capelatto, conforme já citado. Direitos autorais de Ivan Capelatto.